

PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL:

Notas para sua avaliação e ordenamento

Ana Carolina D. Escosteguy
Francisco R. Rüdiger

Para iniciar um levantamento da pesquisa em comunicação no Rio Grande do Sul é necessário definir e delimitar sua abrangência. Não é fácil demarcar os limites, pois ao apontá-los poderemos estar excluindo produções importantes que marcam a trajetória da pesquisa na região Sul. Entretanto, é imprescindível fazê-lo, se quisermos levar a bom termo a tarefa.

A investigação em comunicação no Rio Grande do Sul pode ser identificada, em sentido estrito, como aquela que tem como objeto de estudo o domínio histórico e empírico representado pelos processos e meios de comunicação surgidos no RS.¹ Por outro lado, podemos, também, considerar aquelas pesquisas sobre temáticas da comunicação alheias à circunscrição do território gaúcho, que versam sobre aspectos empíricos ou gerais do campo, mas realizadas e difundidas, primeiramente, no âmbito de nosso estado.²

Com a finalidade de incorporar esses sentidos neste levantamento documental, estabelecemos como critério final o fato da investigação ter sido realizada por pesquisador vinculado à instituição ou entidade gaúcha de relevância - universidades, museus, institutos de pesquisa, entidades de classe, etc.

Assim, este levantamento consiste num mapeamento das temáticas que, de alguma forma, delimitam o campo de estudos da comunicação. Com essa finalidade procedemos a um levantamento das fontes nos principais acervos documentais pertinentes à área, devendo-se citar entre eles o Museu Hipólito José da Costa e as bibliotecas da PUC e da UFRGS (principalmente, da FABICO).

A documentação apresentada trata prioritariamente de registrar livros publicados sobre a matéria e produções acadêmicas, dissertações de mestrado e teses de doutorado, incluindo, áreas afins da Comunicação - história, sociologia, ciência política, letras,

antropologia, entre outras. Também, foram computados artigos de anais, de anuários, de almanaques e de órgãos de classe e publicações periódicas de temáticas específicas (por exemplo, Jornal Laboratório da FAMECOS - **Experiência** - sobre a história da imprensa no RS, publicado em 1977).³

É necessário reconhecer que o levantamento apresentado, embora tenha procurado vasculhar a totalidade da produção no campo prescrito, não é de forma alguma exaustivo e completo, seja devido a precariedade das nossas bibliotecas, seja pelas próprias limitações e disponibilidades dos autores. Desculpamo-nos de antemão pelas eventuais omissões de fontes e referências existentes, sendo que toda contribuição sobre novos títulos será bem recebida. Mesmo com limites e imperfeições, sabemos que é um passo importante, pois é uma primeira tentativa de organizar a produção de conhecimentos sobre o campo da comunicação no RS.⁴

1. Mapeamento da produção em Comunicação no RS

O levantamento bibliográfico da produção em comunicação, realizado até abril de 1995, registra o total de 214 textos. Analisando esta documentação, foi possível realizar um primeiro mapeamento temático e periódico.⁵

MAPEAMENTO TEMÁTICO E PERIÓDICO DA PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO DO RS

TEMÁTICA	Até 1939	1940 1949	1950 1959	1960 1969	1970 1979	1980 1989	1990 1995	TOTAL
Imprensa	17	10	6	7	26	28	13	107
Turismo	0	0	0	0	11	6	2	19
Com. Rural	0	0	0	5	7	1	2	15
TV e Rádio	0	0	0	1	4	6	1	12
Cinema e Fotografia	0	0	0	4	4	6	1	15
Relações Públicas	0	0	0	0	3	5	3	11
Publicidade e Prop.	0	1	0	0	2	1	3	7
Teoria da Com.	0	0	0	0	5	2	2	9
MCM conj. abordagem	0	0	0	0	2	2	1	5
Com. e Cultura	0	0	1	0	0	2	3	6
Pesquisa em Com.	0	0	0	0	0	2	2	4
Com. e Poder	0	0	0	0	0	1	2	3
Editoração	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL	17	11	7	17	65	62	35	214

À semelhança da pesquisa em comunicação no país, aqui no Rio Grande do Sul, a pesquisa do campo também se construiu a partir de investigações que tomaram a imprensa escrita como objeto empírico central - ênfase exclusiva até o final dos anos 50 (33 textos).

A década de 60 mostra um tímido início de diversificação onde basicamente existem estudos sobre a imprensa e de comunicação rural. Nessa década aparecem os primeiros trabalhos sobre o cinema, a fotografia, a televisão e o rádio.

Observa-se que os anos 70 revelam uma alta produção de textos - mais do que triplica dos 60 (17) para os 70 (65). Aqui, afirma-se a diversificação das temáticas. Ainda predominam os estudos sobre a imprensa escrita mas despontam os trabalhos sobre turismo, comunicação rural, TV e rádio, e, em menor número, surgem trabalhos de relações públicas, publicidade e propaganda e sobre os meios de comunicação de massa, abordados em conjunto.

Em nível nacional, o mapeamento da pesquisa em comunicação indica que o maior aumento relativo dos estudos por década ocorre na de 70 e que a década de 80 de fato institucionaliza a comunicação como campo de pesquisa acadêmica. Este mapeamento regional confirma essa perspectiva.

O fenômeno da comunicação massiva em desenvolvimento desde a década de 40 no país, consolida-se na época do chamado *milagre econômico*, por volta de 1970. Este é o motivo pelo qual as temáticas associadas à comunicação passam a ser estudadas de forma mais intensa.

Na década de 80 as pesquisas gaúchas ainda priorizam a imprensa escrita (28), destacando-se num índice bastante inferior as pesquisas sobre televisão e rádio (6), turismo (6), RP (5) e cinema e fotografia (6). No período estudado dos anos 90, a imprensa (13 textos até o momento) continua como objeto de estudo privilegiado, distanciando-se das demais escolhas.

Do total de textos registrados neste levantamento, 107 abordam a imprensa escrita e os outros 107 distribuem-se nas outras doze temáticas.

De forma geral, pode-se dizer que a grande maioria das pesquisas reflete, a exemplo do que ocorre em nível nacional, que ainda não se conseguiu superar a visão instrumental da comunicação, exatamente por privilegiar o estudo dos meios em si - no caso,

fundamentalmente, a imprensa. Assim como, a maior parte destes estudos não tem conseguido ultrapassar o nível da descrição, isto é, a captação da realidade do fenómeno através de procedimentos empíricos.

Quanto à natureza dos estudos, pode-se afirmar que a pesquisa documental - aquela que tem textos sejam eles documentos impressos ou audiovisuais como informantes primordiais - é sem sombra de dúvida a mais praticada.

2. As problemáticas de pesquisa

De outro lado, este levantamento pode ser avaliado em termos de problemáticas, ou seja, é possível realizar uma delimitação que parte do tipo de questões formuladas e do tipo de respostas obtidas dos materiais investigados.

2.1 - Os primeiros trabalhos que tomaram a temática dos meios de comunicação como objeto de estudo não expressavam ainda um efeito da sua presença maciça no âmbito social. Eram resultado de outras preocupações e finalidades, de outra época que não a nossa. Esta é a marca da problemática **histórico-jornalística**.

Sua unidade reside no tratamento da matéria marcado pela chamada história fatural que, às vezes, chega ao anedótico e, mais tarde, alcança um estilo próximo ao da reportagem.

Nesta, predominam os procedimentos descritivos, recheados de episódios, nomes e datas.⁶ O aparecimento e o desenvolvimento da imprensa são tratados como eventos desconectados do processo histórico. Diversos trabalhos acabam assumindo a condição de autênticos inventários.⁷

Essa perspectiva se manifesta no primeiro trabalho registrado neste levantamento: "Notas sobre a imprensa do Rio Grande do Sul", de J. J. César, datado de 1885 e publicado num Anuário do Rio Grande do Sul. Este é um catálogo de jornais da época que notifica a existência de 158 títulos.

Muitos dos trabalhos desta problemática constituem-se em materiais indicativos valiosos para o desenvolvimento crítico de alguns episódios que narram. Exemplo disso são as referências de Alfredo F. Rodrigues e Walter Spalding às primeiras intervenções da mulher

no jornalismo gaúcho.⁸

Entretanto, os traços dominantes da problemática histórico-jornalística afirmam-se principalmente nos trabalhos de Tancredo Fernandes de Melo⁹ e Alfredo Ferreira Rodrigues¹⁰, publicados em diferentes almanaques do início deste século. Nas décadas seguintes, este tipo de trabalho, também, é levado em frente.

Embora se esbocem algumas tentativas de articular a história da imprensa aos horizontes ideológicos do período estudado, ou seja, ligá-la a acontecimentos relevantes da história política do Estado, estas não atingem o nível explicativo. Acabam permanecendo como pano de fundo onde se desdobra a "história da imprensa".¹¹ Nesta abordagem não há uma articulação do objeto de estudo com os contextos sociais particulares onde foram produzidos e sobre os quais exerceram efeitos.

Este tipo de trabalho concentra-se no enfoque da imprensa escrita do século XIX, mas os primórdios do cinema gaúcho¹² e a publicidade¹³ também são foco de alguns - poucos - estudos. Merece, ainda, destaque nesta problemática, o trabalho de Octávio Augusto Vampré (1979) que apresenta uma historiografia do rádio e da televisão no Rio Grande do Sul.

Em suma, deve-se dizer que o conjunto de trabalhos agrupados nesta problemática, que ainda vigora em trabalhos contemporâneos¹⁴, carece de uma verdadeira problematização do que significa uma história da imprensa ou uma história dos meios de comunicação.

2.2 - Na segunda problemática que podemos identificar, a comunicação torna-se motivo de preocupação acadêmica por parte das Humanidades. No entanto, os meios de comunicação - mantida a predominância da imprensa - são apenas mediações para tematizar outros objetos de estudo de áreas afins como Letras, Sociologia, História e Política. Dentro desta problemática aparecem preocupações interpretativas que correlacionam algum campo social com os meios de comunicação.

Aqui, aparecem, por exemplo, os trabalhos de história pela imprensa, dentro dos quais a função desta última é servir de material para a análise do que estaria fora dela. O ponto de vista da história e da política detém sua atenção na imprensa opinativa do século passado, procurando avaliar como ela registra a história da época.

Entre esses trabalhos, estão o de Helga Piccolo (1976) que busca o registro do movimento republicano no jornal A REFORMA, delimitando a utilização da imprensa como fonte para a história política do Estado¹⁵; Ieda Gutfreind (1979) que procura ver as idéias e o comportamento dos liberais nos primeiros anos da vida republicana, através de editoriais do jornal A REFORMA (órgão do Partido Liberal)¹⁶; e Margareth Marchiori Bakos (1982) que investigou o envolvimento dos diferentes grupos sociais do Estado no problema da escravidão durante a segunda metade do século passado a partir de sua representação em O CONSERVADOR, A REFORMA e A FEDERAÇÃO¹⁷.

Um dos poucos trabalhos dentro desta perspectiva (articulação história, política e imprensa) que analisa a imprensa do nosso século é o de Sandra Maria Leidens. Seu objeto de estudo é o discurso nacionalista, produzido entre 1939-1941 (período do Estado Novo, sob controle e censura do DIP), pesquisado na imprensa de Porto Alegre e de Passo Fundo.¹⁸

Do ponto de vista da literatura, podemos citar como exemplo a pesquisa de Carlos Baumgarten, **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)**, realizada em 1979. Esta avaliou textos de natureza crítica e textos poéticos publicados em periódicos estritamente literários e aqueles que dedicavam esporadicamente uma coluna à literatura. Na verdade é um estudo que analisa a crítica literária e a poesia divulgados na imprensa desse período.

Nesta problemática predominam as pesquisas que cruzam história e política, ou então, história e literatura. No entanto, existem trabalhos intermediários entre a perspectiva histórico-política e a história da imprensa, propriamente dita. Embora visem mais à conjuntura política através da ótica dos jornais analisados, pode-se destacar aí o trabalho de Ivone Cassol, "O integralismo e a imprensa partidária - 1934-1937"¹⁹.

2.3 - A terceira problemática que podemos chamar, a falta de termo melhor, de **midológica**²⁰ é recente e resulta diretamente da consolidação do mercado de bens simbólicos e a preocupação com seus efeitos, bem como da consolidação dos cursos de Comunicação Social, ocorrida nos anos 70. Distingue-se da anterior por buscar uma especificidade dos fenômenos da história, cultura e sociedade como

fenômenos de comunicação.²¹

Os estudos sobre comunicação rural esboçaram ainda nos 60 essa preocupação. Estes revelaram interesses mais detidos das ciências sociais com o funcionamento, efeitos e utilização dos meios de comunicação, inclusive, eletrônicos, no ambiente social. Caracterizados pela pesquisa de campo e pela análise de corpus documentais selecionados, estão orientados por finalidades práticas.

De outro lado, encontramos o trabalho de Marcelo Azevedo, pioneiro na discussão teórica da comunicação. Fundamentado na perspectiva da teoria da informação, o autor coordenou vários textos onde se faz presente a reflexão conceitual sobre determinados aspectos da comunicação.²²

A caracterização mais pronunciada desta problemática veio mais tarde, no final dos anos 70, com os trabalhos de Sérgio Caparelli. O olhar privilegiado é o da comunicação enquanto campo de conhecimentos que tem um objeto de estudo, mas tece relações com os conhecimentos de outras áreas para analisá-lo e interpretá-lo.

O primeiro trabalho registrado deste autor é "Os meios de comunicação de massa no Rio Grande do Sul", publicado em 1977. Trata-se de um mapeamento que mostra a conjuntura dos meios gaúchos na segunda metade da década de 70. Mais tarde, é publicado **Comunicação de massa sem massa** (1ª edição, 1980), uma coletânea de artigos variados que abordam a televisão, a imprensa alternativa, entre outros temas. Outro texto marcante do mesmo autor é **Televisão e capitalismo no Brasil** (1982).

A partir dos anos 70 a pesquisa em comunicação diversifica-se um pouco mais em termos de temáticas estudadas, aparecendo análises sobre a situação da própria investigação na área, sobre as relações entre comunicação e poder e, também, comunicação e cultura.

Nesse mesmo período, surgem, na realidade nacional, os primeiros programas de pós-graduação em comunicação - Escola de Comunicações e Artes/USP, (1972), Escola de Comunicação/UFRJ (1972), Universidade de Brasília (1974) e Instituto Metodista de Ensino Superior (1978). Entretanto, observa-se que até agora ainda é pequeno o impacto dessa nova situação no nosso panorama de investigação. A maioria das pesquisas acadêmicas - dissertações de mestrado e teses de doutorado - da década de 80 que versam sobre aspectos da

comunicação contínua vinculada aos programas de pós-graduação de outras áreas.

Para exemplificar, podemos citar, entre outras, a pesquisa de Rosa M. Bueno Fischer²³, dissertação de mestrado em Educação (1984), assim como, a pesquisa de Ondina Fachei²⁴ sobre a novela das oito. Originalmente este trabalho é uma dissertação de mestrado em antropologia social, defendida em 1983. Para a década de 90, podemos apontar, entre outros, o trabalho de Maria Helena Weber²⁵, dissertação de mestrado em sociologia, de 1994.

3. Conclusão

Se considerarmos a problemática midiológica como a apropriada ao desenvolvimento da investigação em comunicação, podemos concluir que ainda resta muito por fazer. Isto é, diante do material disponível, é imperativo tematizar os diferentes meios de comunicação - principalmente, os eletrônicos - para compreender a indústria cultural no século XX, assim como, priorizar problematizações gerais, de caráter teórico ou não. Além disso, faz-se necessário uma revisão crítica da produção e da história da comunicação no Estado.

A criação de programas de pós-graduação em Comunicação no Estado - Mestrado em Comunicação Social - FAMECOS/PUCRS (1994), Comunicação e Semiótica - UNISINOS (1994) e Indústrias Culturais do Cone Sul - FABICO/UFRGS (1995) possivelmente mudará este cenário. Isto não quer dizer que os fenômenos da comunicação não devam continuar como objeto de estudo de outras áreas de conhecimentos.

Enfim, gostaríamos ainda de salientar que, embora tenham sido encontrados alguns - poucos - textos que tratam da pesquisa em comunicação, nenhum deles diz respeito especificamente a investigação realizada no RS. Este é mais um indicativo de correlação entre o espaço regional e nacional que confirma a idéia de que não há tradição de reflexão sobre a pesquisa que se faz no nosso campo.

NOTAS:

1. Ver, por exemplo, Lourival Vianna, *Imprensa gaúcha (1827-1952)*, Porto Alegre, Museu de Comunicação Social "Hipólito José da Costa", 1977; Abeillard

Barreto, **Os primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)**, Rio de Janeiro, s/d; e Sérgio Roberto Dillenburg, **A imprensa em Porto Alegre de 845 a 1870**, Porto Alegre, Sulina, 1987.

2. Ver, por exemplo, sobre aspectos empíricos Daniel Herz, **A história secreta da Rede Globo**, Porto Alegre, Tchê, 1987; e Sérgio Caparelli, **Ditaduras e indústrias culturais no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai**, Porto Alegre, Ed. da Universidade UFRGS, 1989. Entre os estudos gerais, de caráter teórico ou não, pode-se citar, entre outros, Marcelo Casado D'Azevedo, **Teoria da informação: Fundamentos biológicos, físicos e matemáticos, relações com a cultura de massa**, Petropólis, Vozes, 1971.

3. Além disso, foram incluídos artigos publicados até a década de 70 na imprensa em geral. O registro de artigos de publicações científicas do campo da comunicação, assim como, monografias de conclusão de curso de graduação e especialização não foi realizado.

4. Em nível nacional, o registro da produção científica sobre a pesquisa em comunicação somente começou a ser feito em 1978 quando a INTERCOM iniciou suas atividades, sendo que em 1982 foi criado um órgão específico que tem como objetivo a sistematização da produção científica e profissional de Comunicação no país - PORT-COM - Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa.

5. Os trabalhos foram distribuídos em 13 temáticas: imprensa escrita (107); turismo (19); comunicação rural (15); televisão e rádio (12); relações públicas (11); cinema e fotografia (15); publicidade e propaganda (7); comunicação e cultura (6); teoria da comunicação (9); MCM- abordagem de conjunto(5); pesquisa em comunicação(4); comunicação e poder (3); editoração (1).

6. Um exemplo do tipo de questionamento colocado dentro desta perspectiva encontra-se na polémica a respeito da proveniência da 1ª impressora montada no Estado. Discutiu-se muito se foi trazida pelo exército imperial do Visconde de Barbacena na campanha contra os argentinos ou se foi conseguida pelo Presidente da Província, Salvador José Maciel, junto à Imprensa Régia.

7. Isto não significa que este tipo de trabalho não seja importante. Trata-se apenas de colocá-lo no seu devido lugar de material para uma história da imprensa ou da comunicação no Estado. Por outro lado, sobre esse tipo de iniciativa, é preciso referir aos esforços de Gabriel Borges Fortes, "Imprensa gaúcha: 150 anos" in Samrig Relatório da Diretoria 1976/1977, Porto Alegre; e Fernando Ronna, "História da Imprensa no Rio Grande do Sul", principalmente, este último, que cataloga 5600 títulos da imprensa gaúcha, resultado de mais de dez anos de coleta de dados.

8. Alfredo F. Rodrigues, "Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul; Cândido Augusto de Melo", in Almanaque Popular Brasileiro, Pelotas, 1902; Walter Spalding, História da imprensa no Rio Grande do Sul (1827/1972), inédito.

9. Ver "Os primeiros jornais no Rio Grande do Sul - 1827-1835" (1905), "Almanaques do Rio Grande do Sul" (1905), "A imprensa em Santa Vitória do Palmar" (1906) e "A imprensa do Rio Grande do Sul" (1907).

10. Ver "Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul 1828-1845" (1900), "Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul: Primeiros jornais de Pelotas" (1902); "Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul: Candido Augusto de Melo" (1902) e "Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul: Catálogo de jornais 1827-1864" (1903).

11. Alfredo Pereira Rodrigues (1900), por exemplo, tematiza a imprensa como elemento inserido no processo da Revolução Farroupilha e o desenvolvimento das idéias liberais no Estado; Nestor Eriksen (1940) procura fazer o mesmo com relação à abolição da escravidão e à proclamação da República; e Athos Damasceno Ferreira (1976) discute a influência das ideologias políticas e do positivismo na imprensa literária do final do século XIX.

12. Ver produção de Jesus Pfeil.

13. Ver de Rita Soares Gomes, "Coleção de anúncios do Diário de Porto Alegre em 1827" (1940) e de Carlos Cauby Silveira, "Episódios da propaganda gaúcha-até o final da década de 50" (1974).

14. Ver, por exemplo, Jandira Silva, Elvo Clemente e Eni Barbosa, **Breve histórico da imprensa sul-riograndense** (1986); Homero Guerreiro, **Jornal do Comércio: 60 anos** (1994).

15. Helga Piccolo (1976), "Porto Alegre em 1873: A imprensa liberal da capital como fonte de estudo para a política provincial". In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, 1976.

16. **Rio Grande do Sul: 1889-1896: A proclamação da República e a reação liberal através de sua imprensa.**

17. **RS: Da escravidão à abolição.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

18. **Leidens, O discurso estadonovista: Retórica e realidade.** Porto Alegre, 1993. (Dissertação de Mestrado em História, PU/CRS).

19. Héglio Trindade (org.), **Revolução de 30 - Partidos e imprensa partidária no Rio Grande do Sul 1928-1937.** Porto Alegre, LPM, 1980. Principalmente, a segunda parte da obra onde são analisadas as relações entre A FEDERAÇÃO e os republicanos históricos, entre o ESTADO DO RIO GRANDE e os libertadores, entre a nova fase de A FEDERAÇÃO e os republicanos liberais.

20. **Midiologia** é um neologismo criado por Régis Debray para designar o estudo das formas de comunicação pública e seus respectivos contextos sociais.

DEBRAY, R. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis, Vozes, 1993.

21 Devemos assinalar, nesse contexto, o surgimento de tentativas de um questionamento próprio dos agentes da comunicação sobre suas atividades, a partir da década de 70. Entre elas estão *Signo Comunicação, Anúncio e Cadernos de Jornalismo*.

22 Ver, por exemplo, Azevedo (coord.), *Comunicação, linguagem e automação*, Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 1970; *Atenção, signos, graus de informação*, Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 1973.

23 Fischer, *O mito na sala de jantar*, Porto Alegre, Movimento, 1984.

24 Fachel, *A leitura social da novela das oito*, Petrópolis, Vozes, 1986.

25 Weber, *Ditadura e sedução: Redes de comunicação e coerção no Brasil 1969/1974*, Dissertação de mestrado em Sociologia, UFRGS, 1994.

ANA CAROLINA D. ESCOSTEGUY

Prof. FAMECOS-PUCRS
Doutoranda em Ciências
da Comunicação (ECA - USP).

FRANCISCO R. RÜDIGER

Prof. FABICO UFRGS e
FAMECOS PUCRS,
Doutor em Ciências Sociais (USP).